

“Se ele pagar mais eu faço sem camisinha”: HIV/AIDS e ampliação da vulnerabilidade em contexto de prostituição de rua em Belém e Lisboa¹

Luis Junior Costa Saraiva²

Resumo:

A presente comunicação tem como objetivo analisar os discursos e práticas referentes os cuidado de saúde em relação a HIV/AIDS, de mulheres que têm na prostituição a sua principal atividade laboral. O objetivo é pensar a prostituição como uma atividade laboral que em muitos momentos é vivenciada como ilícita, o que acarreta um significativo aumento da vulnerabilidade a qual essas profissionais estão expostas. A partir da pesquisa de campo realizada em Lisboa/Portugal e Belém/Pará-Brasil com profissionais do sexo que trabalham na prostituição de rua, busco analisar as implicações da atividade prostitucional como uma atividade criminalizada o que contribui para ampliar o índice de vulnerabilidade a que essas mulheres estão sujeitas, e refletindo ainda a partir de uma perspectiva da epidemiologia crítica, pensar todas as implicações dos riscos de saúde aos quais essas mulheres estão expostas, e que fazem parte da própria lógica da atividade prostitucional.

Palavras-chave: Prostituição, saúde, trabalho

O objetivo deste artigo é lançar um olhar sobre a saúde em contexto de prostituição de rua feminina, na busca de perceber como a prostituição é vivenciada cotidianamente por diferentes atores sociais enquanto uma atividade profissional e a partir daí pensar as implicações dessa atividade para a saúde das profissionais do sexo. A intenção é analisar a prostituição a luz de uma perspectiva que permita pensar o fenômeno como uma atividade profissional que em muitos casos não consegue ser reconhecida como um trabalho, nem mesmo pelas próprias profissionais do sexo, e refletir ainda sobre as implicações que esse não reconhecimento da prostituição como trabalho, tem para a saúde das mulheres que estão na atividade da prostituição.

Em Lisboa me deterei no contexto do Intendente e em Belém, no Pará, na área conhecida como quadrilátero do meretrício³ e através dos inúmeros relatos e experiências que pude vivenciar nesses espaços de prostituição de rua, discutir questões que aos poucos foram tomando corpo e agora carecem de reflexões. Elementos como a ilegalidade virtual e real que paira sobre a prostituição e que termina por criminalizar a profissional do sexo ou a difícil negociação entre espaço de prostituição e uma área de tráfico de drogas ou ainda o dilema

¹ Trabalho apresentado na 26ª. Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 01 e 04 de junho, Porto Seguro, Bahia, Brasil.

² Professor de Antropologia na Universidade Federal do Pará e doutorando no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa (ICS), bolsista de doutorado da CAPES.

³ A intenção não é realizar uma comparação entre as duas realidades, mas apresentar elementos importantes para a reflexão em ambos os contextos, com o cuidado perceber que cada uma dessas realidades possui complexidades diferenciadas.

vivenciado cotidianamente por mulheres que exercem uma atividade que transita nos limites entre o trabalho e o não trabalho.

Prostituição de rua: contextos de ilegalidade

É uma tarde de agosto no Intendente e eu estou a conversar com Inês, uma voluntária como eu, que me explica que devo dar preservativo apenas para mulheres, pois essa é a ordem das Irmãs Oblatas,⁴ a conversa surgiu devido aos insistentes pedido de um dos inúmeros clientes que freqüentam a área. Nesse momento, por volta da 17:30, algumas mulheres passam correndo por nós e uma delas que reconheço como sendo brasileira grita, “é rusga!”, “é rusga”. Fico confuso tentando entender o significado da palavra rusga, a qual só iria fazer sentido mais adiante quando avistei o carro azul da polícia, que já se encontrava ocupado por algumas mulheres, na maioria romenas que haviam sido apanhadas na Praça da Figueira, uma outra área de prostituição.

São rotineiras as rusgas, como são denominadas na gíria policial, as buscas nessas áreas por pessoas em situação de ilegalidade, seja por porte de drogas ou imigrantes não documentados. A polícia estabelece rotas em algumas áreas de prostituição, e nesse caso, o Intendente e a Praça da Figueira, ambos estão dentro dessas rotas, mas o carro percorre primeiro a Praça da Figueira, local de concentração das romenas, que na maioria dos casos, estão na condição de não documentadas e muitas foram detidas várias vezes.

No decorrer dos meses iria presenciar várias dessas rusgas e perceber que tais eventos faziam parte do cotidiano do Intendente, o que exigia das profissionais do sexo estratégias para lidar com tais situações, como por exemplo, criar um sistema de reconhecimento da chegada dos policiais na área antes que eles avancem, para que possam ter tempo suficiente para correr para as pensões e não serem surpreendidas pela polícia.

A presença da polícia se faz no geral através das rusgas, e pelo que pude observar nos meses em que estive no Intendente, o principal foco são as profissionais do sexo que estão na condição de imigrantes não documentadas, pois em momento algum pude presenciar algum cliente ou outro personagem masculino sendo levado no carro azul. A polícia tem então a função de controlar as imigrantes não documentadas, e mesmo quando a polícia não está em rusga, os policiais apenas permanecem na área a observar os acontecimentos, sem se intrometer na venda de drogas que é feita nas inúmeras ruelas ali existentes ou nos pequenos

⁴ A Irmãs Oblatas são uma organização religiosa que realiza trabalhos assistenciais com profissionais do sexo que trabalham nas ruas de Lisboa, sendo que um dos trabalhos destas é entregar preservativos em locais de prostituição de rua.

conflitos entre cafetões e as suas “protegidas”, como são denominados respectivamente o proxeneta e a mulher que trabalha para este.

A presença da polícia na área é vivenciada de diversas formas pelos diferentes atores sociais, pois para as profissionais do sexo, donos de pensões e cafés, não representa a segurança e sim a quebra da normalidade, pois com a presença da polícia é constante a tensão com que as várias pessoas e grupos, ali existentes, têm que lidar, seja os traficantes, usuários de drogas, profissionais do sexo, donos de estabelecimentos. A polícia termina por reafirmar a imagem de criminalidade com que as profissionais do sexo são tratadas, pois ao serem detidas nas inúmeras rusgas que são realizadas, vivenciam trajetórias parecidas com aquelas feitas por outras pessoas que são detidas pela polícia, uma experiência que se apresenta como bastante traumática para algumas das mulheres, principalmente imigrantes.

A forma com que os policiais lidam com as profissionais do sexo, imigrantes não documentadas ou mesmo documentadas, só serve para acirrar mais ainda a fragilidade a qual estão submetidas no seu cotidiano de trabalho. Nesse sentido a ilegalidade real da imigrante vai somar-se a ilegalidade virtual da prostituta que precisa negociar sua liberdade e seu livre trânsito no espaço de trabalho.

Essa negociação pode ser feita através da prestação de serviços sexuais, o que é algo muito comum no contexto tanto do Intendente quanto de outras áreas de prostituição, o que reflete nas escolhas feitas pelos policiais que circulam nas áreas do Intendente e na Praça da Figueira, os quais geralmente escolhem as mulheres mais novas e com uma melhor aparência física, e nesse sentido as romenas surgem como um grupo preferencial, pois em uma conversa com uma romena que vive em Lisboa há 5 anos e já vivenciou experiências desagradáveis com a polícia, esta relata o seguinte,

A polícia vai escolhendo, eles sabem que geralmente essas mais novas estão ilegais. Aí eles as levam e elas ficam desesperadas, porque algumas às vezes não têm nem passaporte, porque fica com os homens que as trouxeram, aí elas acabam se submetendo a saem com os policiais. Aí eles soltam elas, no outro dia os policiais já estão aqui novamente, as vezes eles só fazem sinal pra algumas delas e elas já sabem.⁵

Ao ser presa pela polícia, a prostituta é levada para a esquadra e enquadrada a partir de suspeitas de porte de drogas ou de estarem na condição de imigrantes não documentadas, o que faz das imigrantes o principal alvo da polícia. As portuguesas só são levadas em caso de suspeita de porte de drogas. Na esquadra as mulheres são submetidas a vistorias, como as descritas por Marlene, que já foi levada algumas vezes para a esquadra.

⁵ A conversa com a romena chamada Karem, ocorreu na rua do Poço do Borratem, e foi anotada em diário em 23-08-2006

É assim, agente chega lá e eles colocam agente numa sala aí vem uma polícia e manda a gente tirar a roupa toda e ficar encostada na parede de perna aberta e aí ela revista tudo, com a luva ela às vezes, se tive desconfiada, ela mete o dedo pra verificar. Um dia foi engraçado porque eu tava menstruada e disse pra ela não fazer isso, aí ela ficou mais desconfiada ainda, aí ela mandou agente ficar de perna aberta e saltar, aí caiu a minha esponja e sujou toda a sala, fiquei morta de vergonha”⁶

Atentos para o fato de que muitas mulheres imigrantes que estão na prostituição são imigrantes não documentados, como era o caso de Marlene no momento em que o fato descrito ocorreu, a polícia pode valer-se disso para agir sem muito escrúpulo, submetendo muitas vezes as mulheres a constrangimentos como o acima descrito, um aspecto que não é exceção e sim regras, pois a polícia figura sempre para a maioria das profissionais do sexo, muito mais como uma potencial ameaça.

Nesse sentido, mesmo quando sofrem algum tipo de agressão, na maioria das vezes não denunciam. Os fatores que levam as mulheres a não denunciar são vários e vão da situação de não documentadas em que estão algumas dessas mulheres, mas também das crenças de muitas das profissionais de que nem a polícia e nem a sociedade em geral consideram a violência contra a profissional do sexo um problema (Clamem e Lopes, 2004), somando-se a isso o fato de que muitas mulheres terminam por encarar sua atividade como algo que está em um campo de ilegalidade.

Nesse sentido, a polícia ainda figura no imaginário das profissionais do sexo como sinônimo de abusos e violências (Sanders, Teela & Campbell, Rosie 2007, Lopes, 2006) e mesmo que as mulheres estejam na condição de legais, não se sentem motivadas a ir a polícia denunciar algum tipo de violência sofrida, buscando a polícia somente em última estância, recorrendo prioritariamente as redes de relações existentes nas áreas de trabalho na qual estas se encontram.

Um agravante para o tratamento dispensado pelos policiais às mulheres é a presença na área do Intendente da comercialização de drogas, o que termina fazendo com que as mulheres precisem gerenciar melhor os seus espaços, pois o espaço físico da prostituição confunde-se com o espaço físico da venda e consumo de drogas que ocorre na área, os consumidores e traficantes se misturam com os clientes que frequentam a área, criando assim um problema a mais para as profissionais do sexo que precisam ter cuidado para não serem confundidas com traficantes de drogas. Isso ficou claro em muitos momentos em que estive

⁶ Marlene é imigrante brasileira e já esteve na situação de ilegal, mas no momento da entrevista (21-07-2007), já havia conseguido renovar seu visto de residência, de todo modo não deixava de ter cuidado para não encontrar com a polícia.

na área e era alertado para não ficar perto de certos lugares, como descrevo em meu caderno de campo.

Durante algum tempo estive conversando com Maiara, mas percebi que haviam três pessoas, dois homens e uma mulher que guardavam alguma coisa embaixo de uma telha. Num dado momento Maiara me chamou e pediu que fôssemos para um outro lugar e então me explicou que é perigoso ficar perto dos pessoal que trafica, porque quando a polícia chega ela vai levando quem tiver perto da droga. Me diz ainda que já aconteceu de profissionais do sexo que não estavam envolvidos com a venda de drogas, serem presas porque estavam perto da droga.⁷

A área possui assim a sobreposição de duas atividades, a prostituição e o tráfico de drogas, sendo necessário uma constante negociação dos espaços, pois diferente do que eu imaginava inicialmente de que a colocação das drogas perto das mulheres era algo aleatório, depois viria a saber que é uma estratégia para despistar a polícia, pois em caso de uma busca por drogas, os traficantes podem se esconder e deixar a droga para traz escondida próxima a alguma mulher, e posteriormente depois da saída da polícia, caso a droga não seja descoberta, pegar de volta.

A forma labirintica do espaço do Intendente termina contribuindo para esse tipo de situação, pois para o largo do Intendente, a parte central da área, convergem várias ruas, o que propicia uma fuga rápida para os comerciantes das drogas que assim podem fugir e esconder-se rapidamente nas inúmeras ruas que se bifurcam em ruas menores e se ligam a outras áreas fora do Intendente. A polícia circula então muito mais na parte central e mais visível e enquanto as drogas avançam para as partes menos visíveis, o comércio sexual ocorre na parte central, mesmo porque os clientes transitam pelo largo, por questões de segurança.

As fronteiras entre a venda de drogas e a prostituição, apesar de serem bem delimitadas, não deixam de se interrelacionarem, com um prejuízo para a atividade prostitucional que tem sua carga de ilegalidade aumentada. O fato das mulheres precisarem ficar visíveis as torna mais acessíveis ao assédio da polícia o que terminam fazendo com que estas tenham que prestar contas de problemas referentes as drogas, pois com a chegada da polícia na área, não seguem o mesmo itinerário dos traficantes que rapidamente se escondem nas estreitas ruas ao redor do largo central do Intendente.

Uma mudança no olhar da polícia sobre as profissionais do sexo que trabalham cotidianamente nas ruas do Intendente, não mais como perturbadoras da ordem pública, mas

⁷ A conversa com Maiara ocorreu em uma das ruas que vão dar no largo do Intendente, em frente a pensão na qual esta recebe seus clientes e foi anotada no diário de campo em 26-07-2007.

como trabalhadoras que devem ter seus direitos respeitados, pode significar melhorias para a saúde das mesmas, (Helm, 2004), e isso pode gerar um avanço para além da criminalização que pesa sobre essas mulheres, abrindo a possibilidade de rasgar o véu de ilegalidade que se afirma em posturas equivocadas de policiais que ainda olham para a prostituta como criminosa.

Encruzilhada: entre um trabalho e um não trabalho

Na fluidez da rua e na pressa de chegar em algum lugar, foi como encontrei Marlene, uma brasileira, nascida e crescida nos subúrbios da cidade de São Paulo que ao ser abordada, ficou meio confusa, pois já havia me encontrado outras vezes na rua, mas como voluntário entregando preservativos. No limiar entre me ajudar com a minha pesquisa e querer simplesmente seguir sem ser incomodada com uma situação que iria quebrar sua rotina, pediu que eu ligasse em algum momento de uma forma nada convincente, pois nem sequer ofereceu o seu número de telefone, o que só aconteceu após eu insistir.

No dia seguinte por volta das 10 da manhã, horário preferencial para Marlene, pois o fluxo de clientes é menor, ligo e ela marca um encontro no café próximo a Av. Almirante Reis, um local nada favorável para uma entrevista, pelo constante barulho existente de homens que a todo momento entram e saem e as discussões infundáveis as quais geram uma constante algazarra no ambiente. Diante dessas dificuldades que aos poucos vão somando-se, tento agir de uma forma mais tranqüila e ofereço uma bebida, ao que Marlene responde positivamente, e diz que quer um café.

Em meio aos goles de café a tensão inicial vai se dissipando e aos poucos Marlene vai folheando algumas páginas da sua história de vida, mas no seu semblante a expressão de preocupação com os personagens e situações que são apresentadas é evidente. Marlene está em Portugal há 5 anos e apresenta o seu passaporte como prova, folheando as páginas com vistos e carimbos que foi acumulando e que nem sempre foram fáceis de conseguir, pois fez o percurso que outras brasileiras fazem. Veio como turista e foi ficando e agora já não quer voltar, pois como afirma categoricamente ao ser perguntada se pensa em voltar ao Brasil, da uma resposta com a segurança de quem já teve dias piores.

Adoro o Brasil, amo de paixão, depois que eu to aqui eu já fui uma três vezes ao Brasil, mas se aqui é difícil, lá é mais ainda, aí quando eu penso nisso, em como era a minha vida lá, prefiro ficar aqui, mas eu sinto saudade, poxa, só sinto, dos meus filhos, dos parentes, dos amigos.⁸

⁸ Entrevista com Marlene que trabalha na área do Intendente em 21-07-2007.

A conversa em muitos momentos é interrompida por colegas de trabalho que estão curiosas pra saber do que se trata, quem sou e o que faço. Aproveito a curiosidade e tento estabelecer outros contatos com as mulheres, mas a possibilidade de expor sua vida a um estranho que um dia desses entregava preservativos não lhes parece agradável, pois a idéia de falar sobre suas vidas é algo que na maioria dos casos as mulheres não estão dispostas a aceitar. As amigas se afastam e novamente reiniciamos a entrevista, e Marlene me explica que parou de falar porque não queria que as amigas ouvissem a conversa, pois poderiam depois contar as outras, coisas particulares e ‘queimar’ ela com as outras mulheres ou mesmo com alguns clientes.

As perguntas vão numa direção diferente daquilo que Marlene quer falar, o dilema então se estabelece, ou seguir o roteiro construído a priori, ou seguir as palavras de Marlene que agora fala da sua última compra de um vestido de noite, o qual ela descreve com orgulho, não do vestido em si, mas do preço que ele custou, justificando ao final a compra ao dizer que “olha, foi só 10 euros, comprei no China, mas tem umas coisas muito boas lá”.⁹ A conversa segue as voltas e aos recuos, em dado momento um telefonema de um cliente interrompe a conversa e a própria entrevista, que agora começava a tomar um novo rumo. Marlene pede desculpas e segue para o quarto com o cliente, mas antes de levantar da mesa diz que eu volte no outro dia.

O outro dia é um sábado, quando perguntei se o fato de ser sábado não tinha problema, está respondeu que fins de semana são bons para fazer outras coisas, mas que as vezes era preciso trabalhar para pagar a renda. Nesse momento vejo apenas a trabalhadora Marlene, que comprou um vestido novo e faz questão de deixar claro que este é para ser usado em algo especial, não ali no Intendente. O trabalho não deve se misturar com o lazer, mas no espaço da prostituição essas fronteiras são borradas, seja pelo cliente antigo que hoje não quer ir pro quarto mais quer ‘tomar uns copos’, ou pela amiga que convida para uma praia e ‘quem sabe não pinta um cliente por lá’. Voltarei a essa dicotomia entre lazer\trabalho, pois ela é bem mais significativa do que parece a primeira vista.

Mas agora na manhã de um sábado de agosto já não consigo ver a mesma Marlene que sempre sorri entre um enredo e outro de suas histórias, a mulher que está a minha frente esbraveja contra algo ou alguém, fico confuso pensando se de alguma forma ela não estaria aborrecida com o pesquisador que vem incomodar em um dia que poderia ser o seu descanso. Esta me recebe e convida para irmos até um café mais reservado, pois a experiência do dia

⁹ No relato de Marlene está embutido uma vivência enquanto consumidora que reflete uma forma de construir a própria identidade, comprar “no china” não é a mesma coisa que comprar “na Zara”, o consumo tem assim um papel de definidor de espaços de circulação e inserção social, assim como de exclusão. (Cancline,1996)

anterior de termos sido várias vezes incomodados por suas amigas, não foi nada agradável. Marlene hoje não quer café e sim um copo de ginja, pois para o desabafo que ela precisa fazer uma bebida fica melhor.

Não deixaria de descrever de forma rápida o espaço físico no qual se realizou a segunda parte da entrevista com Marlene, o café do Indiano como é conhecido o estabelecimento, fica na rua do Maldonado, é lembra um puzzle com peças que não parecem estar no lugar certo. O rapaz que serve as mesas é indiano e o café era uma casa que foi adaptada para tornar-se um café, mas ainda é possível perceber traços escondidos em meio aos adereços de um vermelho fosforescente, traços de uma antiga sala de estar que existia antes. O ambiente é todo ele de misturas, de pessoas e de objetos de vários contextos culturais diferentes, e na mesa estão dois brasileiros que são servidos por um indiano e se preparam para tomar uma bebida portuguesa, este é o cenário.

As pequenas taças cheias até o meio do saboroso licor rosado se tocam no ar, mas não há o que comemorar, pois Marlene foi demitida do seu trabalho, e o mais grave para ela não foi a demissão, e sim a forma como ocorreu o processo todo. Deixo então que a própria Marlene conte o acontecido.

Vou te contar o que aconteceu. Eu tava trabalhando com um cara num restaurante e já tava lá a 6 meses e até já tinha contrato de trabalho que até tirei meus visto já com esse contrato de trabalho, porque tu sabe que isto aqui não é trabalho (aponta para a mesa). Aí aconteceu que eu acho que alguém daqui foi contar para ele que eu tava freqüentando aqui. Eu sei que foi por isso que ele me despediu, porque ele me perguntou se eu tava vindo aqui, aí eu disse que não, aí ele falou – (arregalando os olhos) não mente pra mim – aí eu falei que se tinham falado isso pra ele que isso era assim, eu vinha aqui mas era pra visitar amigas minhas que moravam aqui. Tu precisava vê a cara dele. Aí ele só me disse para eu ir embora e não voltar mais e nem falou nos meus direitos.¹⁰

O único assunto do qual Marlene queria falar nesse sábado era sobre o fato de ter sido despedida do seu emprego, mas somada a decepção de ter sido despedida estava o motivo pelo qual havia sido despedida. No discurso indignado de Marlene, a prostituição em alguns momentos surge como trabalho, mas em outros não, pois é até mesmo difícil para esta definir o que é a atividade que ela faz, mas difícil ainda perceber que enquanto profissional do sexo, está limitada e excluída de outras atividades laborais.

Assim, ter ao mesmo tempo a atividade prostitucional e uma outra atividade laboral é algo impensável para o patrão de Marlene, que nem mesmo levou em conta os direitos trabalhistas que esta tem, situação presente no contexto do trabalho dos imigrantes não

¹⁰ Entrevista com Marlene que trabalha na área do Intendente em 21-07-2007.

documentados, que trabalham sem a possibilidade de ter garantias trabalhistas. (Téchio, 2006). Mas Marlene não está ilegal, então porque o desrespeito do patrão que nem mesmo lhe concede o seu direito enquanto trabalhadora no seu restaurante?

Surge então uma primeira questão que merece atenção antes de seguirmos na análise do evento acima mencionado, que é refletir sobre como esses diferentes atores envolvidos pensam um mesmo fenômeno social, no caso a prostituição. Uma primeira idéia muito presente nos relatos das mulheres e que merece ser destacado é o fato de sempre falarem da sua atividade como algo temporário.

A mesma mulher que dizia para mim que estava ali só naquele dia, talvez contasse com a possibilidade do pesquisador não estar lá no outro dia, mas como eu estava, isso criava um clima de constrangimento para a mulher que muitas vezes até mesmo afastava-se de mim, pois percebia que havia contado com a possibilidade do pesquisador não estar lá novamente. Percebia que algumas mulheres que haviam me dito que estavam ali por acaso, sentiam-se constrangidas com minha presença e algumas se afastavam totalmente, sem darem a mínima hipótese de aproximação. Vejamos então alguns desses relatos que trazem a idéia de uma possível transitoriedade das mulheres na atividade prostitucional.

“Isso aqui pra mim é só um bico, eu sou cozinheira, só venho às vezes aqui, só assim, faço um cliente, vou embora, às vezes venho mesmo só pra me divertir, falar com as meninas.” (Gloria)

“Eu estou esperando uma resposta de emprego, devo começar a trabalhar na semana que vêm se deus quiser eu me livro disto, não agüento mais isto, todo dia a mesma coisa, as mesmas caras.” (Neide)

“Agora que eu to grávida eu vou aproveitar e vou parar, não vejo mais forma de ficar aqui, quero criar a minha filha fora deste lugar.” (Rosi)¹¹

A idéia de transitoriedade tão presente nos relatos das três mulheres, expressa a negação da sua prática cotidiana, pois todas elas não só estão diariamente no Intendente, como sua principal atividade é a prostituição.

Sou levado a acreditar que a idéia de transitoriedade não é apenas algo encenado (Goffman, 2003) para o pesquisador, pois percebi que as mulheres acreditam e que têm reflexos na forma como essas constroem suas rotinas, pois no momento em que sua prática de estar sempre na área, nega o seus discursos de que estão ali só naquele dia, ou mesmo naquela hora, isso gera um tipo de frustração nessas mulheres, como pude perceber, pois o fato de passar a freqüentar cotidianamente a área, precipitava esse processo de frustração, pois no dia

¹¹ A maioria dos relatos acima foram anotados em meu diário de campo, sendo que duas das mulheres, Gloria e Neide, foram entrevistadas em outro momento da pesquisa.

anterior a mesma mulher que afirma que aquele é seu último dia ali, agora me olha com um olhar constrangido, ou mesmo foge da minha presença.

Voltando novamente ao relato de Marlene, está não foge a idéia da prostituição como algo temporário, pois como ela própria frisou muitas vezes em nossas conversas, “no Brasil eu não trabalhava nisso, já vim trabalhar na prostituição aqui, mas isso pra mim é assim mesmo que um bico, meu emprego mesmo não é aqui, eu já trabalhei fora daqui”. O temporário que avança nos dias, meses e anos, termina por comprometer a própria construção de outros aspectos de suas vidas que também passam a ser pensados como temporários. Mas podemos perguntar o que essa idéia de algo temporário gera para além dos elementos já mencionados?

Ao que parece cria a sensação de impossibilidade de pensar a prostituição como trabalho, pois um trabalho temporário não é trabalho e sim um bico, um biscate, e a própria Marlene não consegue olhar pra sua atividade como trabalho o que lhe impede de questionar o patrão, mesmo estando no seu direito enquanto trabalhadora legalizada. Sua prática deixa claro que para Marlene por mais que questione a atitude do patrão lhe ter despedido, se sente imobilizada para questionar, o que termina corroborando para a idéia de ilegalidade que pesa sobre sua atividade como profissional do sexo.

Ainda partindo dos relatos da própria Marlene, gostaria de explorar uma faceta que termina por confirmar o olhar sobre a prostituição como uma atividade mais próxima da ilegalidade do que de um trabalho honesto. Isso fica claro na representação simbólica do dinheiro ganho na atividade prostitucional, descrito como um dinheiro que não tem o mesmo valor que o dinheiro ganho fora da prostituição.

Olha, eu acho que o dinheiro da prostituição é um dinheiro amaldiçoado, porque tu ganha agora 100 euros, daqui a pouco tu já não tem nada. Parece que assim que ganha gasta, é incrível isso. Eu não consigo guardar dinheiro, tudo que eu pego eu gasto.¹²

Essa idéia de um dinheiro que tem um valor acrescido ou diminuído a partir da forma como este é conseguido, está presente não só no relato de Marlene, mas de outras mulheres que estão na prostituição e que chegam a diferenciar o dinheiro em duas categorias contrastivas: o dinheiro honesto, ganho a partir de uma atividade laboral honesta, do dinheiro desonesto, ganho em atividades ilícitas, e nesse caso a prostituição entra no rol das ilícitas no

¹² Entrevista com Marlene que trabalha na área do Intendente em 21-07-2007

discurso das próprias profissionais do sexo. Essa relação entre dinheiro honesto e desonesto, pode descortinar todo um conjunto de apropriações que o dinheiro pode ter, dependendo da forma como este é ganho.

A dificuldade de avançar para além do valor de compra do dinheiro remete para pensar uma noção mais ampla de dinheiro e de como lidamos com este em nossa cotidianidade, pois os significados no qual o dinheiro está envolto, extrapolam muito o seu valor de compra. Não precisamos afastarnos tanto para ouvirmos expressões do tipo, “dinheiro não compra felicidade” “dinheiro não compra amizade”, e daí por diante é possível encontrar muitas expressões que trazem uma história da nossa relação com o dinheiro.

O viu metal, como assim o denominou o antropólogo Rubem Olivem (s.d.) ao analisar a presença do dinheiro na música popular brasileira, aponta algumas imagens do dinheiro associado ao amor, a felicidade, mas também do dinheiro que limita a vida, que perde o valor diante de outros atributos como a inteligência, a beleza. Nesse sentido, no contexto de prostituição o dinheiro é um elemento fulcral para entender a própria relação entre clientes e profissionais do sexo.

E assim, eu peço sempre o dinheiro antes de subir para o quarto, porque as vezes se você não pega logo o dinheiro o cliente pode não querer pagar depois, mas geralmente quando já é um cliente que agente conhece, aí fica chato pedir o dinheiro logo, fica aquela coisa muito estranha, nesse caso não, até porque tem homem que não gosta que a gente cobre logo.¹³

A forma de recebimento do dinheiro termina por ser uma forma de classificar os clientes e criar diferenciações, mas o que termina por ficar patente é que o dinheiro é também sinônimo de distanciamento, pois as relações com clientes mais próximos ou dos chamados amigos, é uma relação na qual a negociação do dinheiro deve ser feita de uma forma a criar a sensação de que o dinheiro é um ator secundário, que praticamente desaparece da cena. Mas isso não significa que o cliente “especial” ou o amigo, não vão pagar, é possível que este pague bem mais, pois a relação com a profissional do sexo ganhou uma nova dimensão e nesse caso sou levado a concordar com Pais (2001) quando está afirma que muitos homens terminam reproduzindo comportamentos conjugais no seio das relações no meio prostitucional, como também é visível no contexto do turismo sexual.

¹³ Entrevista com Marlene que trabalha na área do Intendente em 20-07-2007

No contexto do turismo sexual, como bem analisador por Piscitelli (2001) os “gringos” que vão ao Brasil e conhecem uma “nativa”, terminam em alguns casos mantendo com esta uma relação de casal, mandando regularmente dinheiro para estas, tendo como única exigência que estas passem a ser exclusividade deste, pois o que parece estar em jogo é a imagem que esse homem europeu tenta reviver do homem provedor, algo que nem sempre o mesmo consegue colocar em prática no seu lugar de origem.

Há ainda um fator que talvez seja um complicador para o uso do dinheiro no contexto da prostituição que a noção de trabalho, pois como argumenta Santos (1999), sobre a relação valor-trabalho, o dinheiro pretende ser a medida do valor que é atribuído ao trabalho e aos seus resultados, mas se esse trabalho não for pensado e vivenciado como um trabalho? Como fica nesse caso o valor do dinheiro ganho? O que parece ocorrer é uma desvalorização do dinheiro ganho na prostituição tanto a partir do mercado simbólico mais amplo da própria sociedade, como a partir das vivências cotidianas das mulheres que em algum momento não lidam bem com o dinheiro que adquirem a partir do seu trabalho na prostituição.

Esse conjunto de elementos descritos por Marlene, mas presentes nos relatos de outras mulheres, terminam por aproximar a prostituição de uma atividade ilícita, pois os discursos recorrentes dão ênfase a uma ilegalidade embutida na forma como as mulheres encaram a prostituição. Vejamos então outros problemas presentes no espaço do Intendente e como a prostituição enquanto uma atividade laboral que exige determinadas práticas corporais, apresenta riscos inerentes, os quais podem ser mais ou menos controláveis, mas de toda forma estão sempre presentes.

A prostituta toxicodependente ou a toxicodependente prostituta? Estigmas sobrepostos e vulnerabilidade ampliada

O Intendente é um local de intensa circulação de drogas seja através da compra e venda, mas também do consumo. Algumas das mulheres que estão na prostituição no Intendente são consumidoras de drogas, mas a relação estabelecida entre prostituição e drogas é bem mais complexa como poderemos apreender a partir de duas experiências vivenciadas por mulheres que trazem nas suas histórias na prostituição, o contato que tiveram e têm com determinadas drogas, e o quanto isso é marcante em seus relatos.

Maria tem 33 anos, nasceu em Viana do Castelo, mas passou parte da infância em França, alcoólatra já a 5 anos, tem uma fala arrastada e difícil entendimento, em alguns momentos balbucia as palavras que saem pela metade. Num dos cafés do Intendente,

acompanho Maria tomando uma cerveja, e está então começa a falar a partir daí, pois com a garrafa na mão, como alguém que tenta dominar algo, esta exclama!

Isso aqui ainda vai me matar, eu não consigo parar, olha eu já fumei, já cheirei, já injetei, mas não gosto de nenhum desses, mas a bebida eu não consigo deixar. Eu tava melhor mais depois piorei novamente. To tentando mudar, mas não consigo. (risos)¹⁴

O alcoolismo é um problema presente na área, pois no decorrer da pesquisa encontrei quatro mulheres que eram alcoólatras, mas esse número perde a importância, pois desaparece frente aos problemas com outras drogas consideradas mais pesadas. Um dos principais problemas é o aumento da vulnerabilidade, pois em muitos momentos Maria trabalha sob o efeito do álcool, o que faz com que ela não saiba ao certo o que aconteceu entre ela e o cliente.

Uma vez eu entrei no quarto com o cliente, mas aí quando eu acordei foi com a dona da pensão me chamando. Eu tava toda suja e não lembrava de nada. Acho que o cliente se veio sem camisinha mesmo. Aí eu me lavei e sai, mas olha eu acho que o álcool corta porque eu nunca tive doença. (falando em voz baixa)¹⁵

No decorrer da conversa termino por saber que Maria já teve sífilis, mas percebo também que ela criou como uma forma de prevenção de outras doenças a ideia de que o álcool lhe protege contra doenças como a AIDS, ou mesmo outras DSTs, pois ela relata que varias vezes teve relações sem preservativo. O desgaste com a bebida causa em Maria certo descuido com a aparência e com os cuidados de saúde de um modo geral, no decorrer de um ano, ela relata que foi uma única vez ao médico, e não deixou de tentar convencer este de que era imune a todo um conjunto de doenças.

No caso de Maria, ela não tem problemas em assumir a identidade de prostituta, diferente de Ágata, que já na nossa primeira conversa me fala do seu passado, deixando sempre claro que o fato de estar na prostituição era apenas para comprar drogas, ou seja, era uma toxicodependente que experimentou a prostituição para conseguir dinheiro para manter o seu consumo de heroína.

Suas experiências são sempre traumáticas, pois diferentes das outras mulheres, não segue as lógicas da prostituição, e sim a lógica de uma toxicodependente que precisa satisfazer sua necessidade de consumir. Ao ler o trabalho de Vasconcelos (2003) e a noção de *ressaca*, começo a entender melhor alguns comportamentos que observo na área do Intendente, pois como bem descreve o autor, ao referir-se a *ressaca*,

¹⁴ Entrevista com Maria que trabalha na área do Intendente em 25-07-2007.

¹⁵ Entrevista com Maria que trabalha na área do Intendente em 25-07-2007.

A ansiedade defini-a como resultado da urgência de a pessoa ter de comprar aquela coisa, assim, de se despachar. Quanto à eventual falta de dinheiro, pedido à mãe de forma continuada e por isso o fato da tensão entre ambas, Joana afirma que nem podia pensar nisso e que sempre arranjava [...]Esta ansiedade, que transforma o consumo e os actos para conseguir os meios monetários que tornam possível num imperativo, sobrepõe-se a uma avaliação das conseqüências que deles possam advir. (pp. 63-64)

O fato da prioridade do consumo se sobrepor às conseqüências é algo muito comum de ser observado, pois a postura das mulheres que são toxicodependente é sempre agressiva, como segue na descrição de campo a seguir, na qual a diferença é visível e marcante e choca-se com a postura das outras mulheres, o que não é questionado, pois o sentimento das outras profissionais do sexo para com elas é de que são doentes que precisam de tratamento.

A mulher que veste um jeans já bastante sujo transita de um lado ao outro do Largo central do Intendente, sua angustia é visível e eu fico incomodado, pois seu corpo não para, mesmo quando para a frente de um cliente, continua se movimentando. A abordagem aos clientes contratas com a postura das outras mulheres que estão ali, ela segura na mão do cliente e quase o arrasta para o quarto, ao que esse repudia e quase a precisa empurrar. Mas ela insiste, oferece um preço mais baixo, insiste novamente e tenho a impressão que ela vai agredir o cliente, mas aí ela metamorfoseia sua abordagem e agora quase implora para ir para o quarto, o olhar da moça que não deve ter mais que 25 anos é de súplica diante das inúmeras negativas, e ela então segue desesperada para o próximo e para o próximo, numa corrida contra o tempo.¹⁶

Nunca consegui me aproximar da referida moça pois sua fissura, utilizando a linguagem das drogas, era tanta que os únicos homens que dela se aproximavam eram ou clientes que se dirigiam rapidamente ao quarto, ou comerciante e consumidores de droga. No decorrer dos meses que frequentei o Intendente pude acompanhar a distância o comportamento da referida moça que aos poucos foi piorando, e o desgaste físico foi ficando aparente, e a beleza inicial aos poucos já não restava quase nada, pois o consumo diário de heroína lhe consumia o dinheiro que tinha que ser repostado submetendo-se a sair com qualquer cliente.

Algumas mulheres que estão na prostituição para comprar drogas nem mesmo admitem que são prostitutas, como é o caso de Ágata, pois está prefere carregar o estigma das drogas mais não admite o estigma de ser prostituta. Sua passagem pela prostituição é apenas uma forma de conseguir dinheiro para a droga, a qual usa para suportar sair com os clientes e assim entra num círculo vicioso que parece não ter fim, entre obter a droga para ter coragem de realizar os meios de obter novamente a mesma droga.

¹⁶ Anotação em diário realizada em 29-08-2006.

A interação entre drogas e prostituição se apresenta como um caminho mais fácil para o aumento nos índices de contaminação pelo HIV, por questões como as acima mencionadas, mas também por motivos que estão no campo mais amplo do próprio consumo das drogas como uso da mesma seringa, ou outros elementos que contribuem para o aumento da vulnerabilidade dessas mulheres que mais facilmente admitem que são toxicodependentes do que prostitutas, e que estão longe de pensar a prostituição como um trabalho.

Considerações finais: lugares diferentes com problemas parecidos

Depois da trajetória traçada até aqui, gostaria de finalizar o texto com algumas considerações sobre uma outra área de prostituição de rua, mas agora me reportarei para a cidade de Belém, capital do Estado do Pará, e para a área de prostituição denominada quadrilátero do meretrício, e a partir dessa última experiência de campo, apresentar algumas questões que não pretendo resolver, mas apontar possibilidades de reflexão.

A área referida possui algumas especificidades que são importantes para entender a realidade social das mulheres que trabalham no referido espaço. Na década de 70, a polícia de costumes, órgão especializado em cuidar da higiene social da cidade, tentou expulsar as profissionais do sexo da referida área, o que gerou uma diáspora da prostituição na cidade, com o surgimento de novos pontos de prostituição. Mas isso gerou também um desgaste profundo das condições de trabalho na área, com uma crescente desvalorização dos preços dos programas e da própria quantidade de clientes que freqüentam o local, o que faz com esse espaço de prostituição, seja considerado como um espaço do que as próprias mulheres denominam, “fim de linha”.

A frase que abre o presente artigo, “se pagar mais eu faço sem camisinha”, foi ouvida em inúmeras vezes, fosse de forma direta ou indireta, o que me fez perceber que os cuidados com a saúde nesse contexto de trabalho, são precários, não só em relação ao HIV/AIDS, mas a todo um conjunto de doenças que vão de simples alergias ocasionadas pelas condições dos colchões envelhecidos, alguns quase em estado de putrefação, a problemas de intoxicação pela automedicação, algo comum entre essas mulheres.

Nesse sentido foi possível perceber que tanto no contexto do Intendente em Lisboa, como no contexto da prostituição de rua em Belém do Pará, existem problemas estruturais que vão além da vivência individual, pois fazem parte do cotidiano da maioria das mulheres que trabalham nessa área. Olhar a prostituição de frente implica olhar para os problemas que não

são ocasionais, e sim estruturais e definidores das condições de saúde e existência de muitas das mulheres que entrevistei nos últimos meses.

Ao tentar descortinar alguns elementos do cotidiano de mulheres que diariamente utilizam o seu corpo como ferramenta de trabalho, não foi com a intenção de criar imagens, nem de vítimas, muito menos de heroínas, mas de mulheres que são capazes de lidar com as dificuldades várias que existem num ambiente de trabalho de prostituição de rua como o Intendente em Lisboa e o quadrilátero do meretrício em Belém. Ao lançar alguns olhares sobre a prostituição e a prostituta, termos que em si mesmo carregam o peso de preconceitos e estereótipos acumulados ao longo do tempo, a tentativa é de não reafirmar esse estereótipos, mas de os por em causa, quem sabe assim o nó que aprisiona a prostituição a idéia de uma atividade que beira a ilegalidade, vá sendo aos poucos solto e dê espaço para pensar a prostituição como trabalho e a trabalhadora sexual como alguém que merece mais do que ser salva, ter seus direitos respeitados.

Bibliografia

- Afonso, Maria Graziela Gomes (1984), *Estudo de casos: prostituição e espaço social - o caso do Intendente*, Lisboa, Grafitécnica.
- Bastos, Cristiana (2002), *Ciência, Poder e Acção: as respostas à SIDA*, Lisboa, Imprensa das Ciências Sociais.
- Cancline, Néstor Garcia (1996), *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*, Rio de Janeiro, Editora da UFRJ.
- Certeau, Michel de. (1994), *A Invenção do cotidiano: 1. As artes de fazer*, Petrópolis, Vozes.
- Clamen, J. e Lopes, Ana (2004), “Why we need a sex workers’ union” in S. Day e H.Ward, *Sex work, mobility and Health in Europe*, Londres, Kegan Paul.
- Czeresnia, Dina. (1997), *Do contágio a transmissão: ciência e cultura na gênese do conhecimento epidemiológico*, Rio de Janeiro, Fiocruz.
- Fontinha, Inês (2001), *Prostituição Sexualidade e Sida*, Lisboa in Internet www.aidscongress.net (tema: congresso de SIDA, subtema: prostituição).
- Goffman, Erving (2003), *A representação do eu na vida cotidiana*, Petrópolis, Vozes.
- Gorena, Maria Ângela (2005), “Apresentação” in *Quem levou o meu ser? Mulheres de rua*, Lisboa, CML/Divisão de Imprensa Municipal.
- Helm, Thérèse van der (2004), “Mobility in prostitution, the impact of policy and the implications for health: a case study from the Netherlands”, in S. Day e H.Ward, *Sex work, mobility and Health in Europe*, Londres, Kegan Paul.
- Hunter, Mark (2002), “The Materiality of Everyday Sex: thinking beyond 'prostitution'”, in *African Studies*, 61, 1, Routledge.
- Lopes, Ana (2006), *Trabalhadoras do sexo, uni-vos: organização laboral na industria do sexo*, Lisboa, Dom Quixote.
- McKeganey, Neil e Barnard, Marina (1993), *AIDS, drugs and sexual risk. Lives in the balance*, Philadelphia, Open University Press.
- Nor, Malika (2001), *La prostitution*. Paris, Le Cavalier Bleu Editions.
- Oliveira, Alexandra (2004), *As vendedoras de ilusões: estudo sobre prostituição, alterne e striptease*, Lisboa Noticias Editorial.
- Oliven, Ruben George (s. d.) *O vil metal: o dinheiro na música popular brasileira*, in Internet - http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_33/rbcs33_09.htm

- Pais, José Machado (2001), *Ganchos, tachos e biscastes. Jovens, trabalho e futuro*, Porto, Ambar, 2001.
- Pasini, Elisiane (2006), "Sexo para quase todos: a prostituição feminina na Vila Mimosa", in *Cadernos Pagu*, dezembro 2005, in Internet - www.scielo.br/cgi-bin/wxis.exe
- Perrot, Michelle (1998), *Mulheres públicas*, São Paulo, UNESP.
- Piscitelli, Adriana (2004), "Entre a Praia de Iracema e a União Européia: turismo sexual internacional e migração feminina", in Piscitelli, Adriana *et al* (org). *Sexualidade e Saberes: convenções e fronteiras*, Rio de Janeiro, Garamonde.
- Ribeiro, Manuela *et al* (orgs). (2005), *Prostituição abrigada em clubes (Zonas Fronteiriças do Minho e Trás-os-Montes) práticas, riscos e saúde*, Lisboa, Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres.
- Sanders, Teela & Campbell, Rosie (2007), "Designing out vulnerability, building in respect: violence, safety and sex work policy", in *The British Journal of Sociology*, Volume 58 Issue 1
- Santos, Milton (1999), "O dinheiro e o território." *GEOgrafia*, ano 1, nº 1 in Internet - http://www.uff.br/geographia/rev_01/milton%20santos.pdf
- Silva, Josenilda Maria Maués da (1998), *Escolarização e produção de subjetividades: capturas e sedições*, tese de doutoramento, Universidade Católica de São Paulo.
- Téchio, Kachia (2006), "Imigrantes brasileiros não documentados: uma análise comparativa entre Lisboa e Madri". Lisboa, in Internet - <http://pascal.iseg.utl.pt/%7Esocius/publicacoes/index.shtml>.
- Téchio, Kachia (2006). "Conhecimentos de alterne: a outra diáspora das imigrantes brasileiras"", Lisboa, in Internet - <http://pascal.iseg.utl.pt/%7Esocius/publicacoes/index.shtml>.
- Vasconcelos, Luis (2003) *Heroína: Lisboa como território Psicotrópico nos anos noventa*. Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais.